

# cineclubeguimarães

boletim janeiro 2010



James Stewart em 'Do Céu Caiu Uma Estrela'

Corpos Sociais eleitos para o Biénio 2010/11

ASSEMBLEIA GERAL

| Presidente |  
Paulo Vieira de Castro

| Vice-Presidente |  
Baltazar Vilela

| Secretário |  
Guilherme Pinto dos Santos

CONSELHO FISCAL

| Presidente |  
César Machado

| Secretário |  
Sara Oliveira

| Relatora |  
Paula Pereira

DIRECÇÃO

| Presidente |  
Carlos Mesquita

| Vice-Presidente |  
Benjamim Sampaio

| Tesoureira |  
Alexandra Xavier

| 1º Secretário |  
Rui Vale de Sousa

| 2º Secretário |  
José Eduardo Jordão

| 1º Vogal |  
Rui Silva

| 2º Vogal |  
Sérgio Lopes

| Suplentes |  
Hélder Pinto  
Marta Magalhães



## Distrito 9

É um grande filme de género sobre o lado feio do mundo em que vivemos. Uma das grandes surpresas do ano.

De vez em quando, Hollywood leva um chuto que - como se costuma dizer - até vai de lado: gasta fortunas em filmes baseados em linhas de brinquedos e que correspondem à ideia de um departamento de contabilidade e "marketing" (mas não de um espectador...) do que é um "blockbuster" (sim, estamos a falar de vocês, "Transformers" e "G. I. Joe"), e deixa-se comer por um filmezinho feito à margem do radar por gente de quem nunca se ouviu falar, que consegue ter mais cabeça, mais emoção e mais acção em dez minutos do que esses pretensos "blockbusters" em duas horas ou mais. "Distrito 9" veio comer as papas na cabeça a todas as apostas de Verão dos grandes estúdios e o mais espantoso é que esta produção independente rodada por tuta e meia na África do Sul seja também um extraordinário filme sobre o mundo em que vivemos - como aliás é apanágio dos grandes filmes de género e de série B, em cuja linhagem "Distrito 9" se insere honrosamente.

O cenário é uma favela de Joanesburgo que vai começar a ser desmantelada e cujos habitantes vão ser transportados para o Distrito 10, que tem o aspecto de um campo de refugiados. Mas faz sentido que assim seja, porque quem mora neste bairro da lata são de facto refugiados - de outro planeta. Extra-terrestres cuja nave espacial, avariada e aparentemente impossível de ser consertada com a tecnologia humana, veio "dar à costa" sobre a metrópole sul-africana há vinte anos, e que acabaram por nunca ser verdadeiramente assimilados pela sociedade, que os explora, humilha e despreza como "gafanhotos". A metáfora evidente é o "apartheid", mas pode ser esticada para "o outro", "o diferente", "o que não é como nós", "o imigrante" - o que torna o primeiro filme de Neill Blomkamp, publicitário sul-africano de 29 anos, num retrato distorcido de um mundo onde a globalização está a andar depressa demais para muito boa gente (e o seu sucesso nos EUA, país onde neste momento a questão do outro e da diferença é central ao próprio debate sociopolítico, é mais significativo do que parece).

Wikus van de Merwe, um burocratazinho covarde encarregue do processo de transferência dos extra-terrestres para o novo campo de refugiados, entra acidentalmente em contacto com uma substância orgânica que começa a alterar o seu ADN e o torna num mutante preso no limbo entre dois mundos e extremamente valioso para a multinacional onde trabalha, forçando-o a unir esforços com um dos extra-terrestres.



Sessão 2762  
3 JANEIRO 2009 (Domingo)  
GA, Centro Cultural Vila Flor · 21h45



Sessão 2763  
7 JANEIRO 2009 (Quinta)  
GA, Centro Cultural Vila Flor · 21h45

## Ou Morro Ou Fico Melhor

Apesar de estruturado como um falso documentário (com depoimentos de experts e tudo) que retrata a história da difícil coabitação humanos-E.T.s e procura explicar os misteriosos acontecimentos iniciados com o processo de transferência para o Distrito 10, "Distrito 9" é um mutante inteiramente novo. Tal como as grandes séries B dos anos 1950 e 1960 transmutavam os medos do mundo real em ficções de medo, "Distrito 9" compacta um enorme "mash-up" de sátira política, comentário social, teorias da conspiração, estéticas pós-modernas e figuras obrigatórias do cinema de género num filme que se ancora numa vertente profundamente humana.

A odisseia de Wikus, o burocrata que se procura agarrar à sua humanidade no exacto momento em que todos os outros lhe recusam, tem algo da dimensão trágica da "Mosca" de Cronenberg (veja-se o extraordinário plano final) cruzada com o comentário político de um Ken Loach, mas o todo disfarçado por entre um filme de acção superiormente gerido, à qual a opção pela câmara "vérité" (substituindo a montagem ultrarrápida) vem dar uma adrenalina e uma urgência ausentes da maior parte da concorrência de grande orçamento.

"Distrito 9" apenas vem confirmar como o cinema de género é muito menos "menor" do que a maior parte das pessoas acham. Que o filme tenha sido "apadrinhado" por Peter Jackson, cineasta que ele próprio transcendeu as suas origens de género sem as trair (e que permitiu a Blomkamp fazer o seu filme em absoluta liberdade e fora do radar dos estúdios), é apenas mais uma prova de que não devemos olhar de esguelha para os alienígenas - temos muito a aprender com eles. Mesmo que Hollywood não aprenda a lição.

*Jorge Mourinha,  
in Público (24 Setembro 2009)*

DISTRICT 9  
Realização Neill Blomkamp | Argumento Neill Blomkamp e Terri Tatchell | Intérpretes Sharlto Copley, Nathalie Boltz, Jason Cope, Sylvaine Strike | Fotografia Trent Opaloch | Música Original Clinton Shorter | Origem EUA, Nova Zelândia 2009 | Duração 112' | Formato 1.85:1 | Classificação M/16

Quinta longa-metragem de Laurence Ferreira Barbosa, «Ou morro, ou fico melhor» centra-se na personagem Martial, um adolescente que vive com a mãe e que acaba de mudar de casa e de escola nos arredores de Paris.

Em casa, Martial (François Civil) vive uma relação de amor-ódio com a mãe (Florence Thomassin) e na escola sente-se desintegrado, não consegue fazer amigos, com excepção de duas gémeas (Karine e Marine Barbosa) que o intrigam por serem também completamente anti-sociais e com quem irá viver algumas aventuras que roçam a delinquência.

O filme tem sido descrito pela crítica francesa como um fresco sobre a delinquência juvenil, a família, o divórcio e as vivências nos subúrbios de uma cidade.

Em entrevista à agência Lusa, Laurence Ferreira Barbosa disse que nunca foi sua intenção abordar especificamente essas questões quando escreveu o argumento do filme.

«O meu desejo, a minha ideia era escrever sobre uma relação entre uma mãe e um filho adolescente, que vivem sozinhos porque o pai está ausente, e queria fazer uma observação dessa relação particular», explicou a realizadora francesa, de ascendência portuguesa.

É uma relação muito física e próxima entre um filho que quer emancipar-se e uma mãe que tenta cortar o cordão umbilical.

Na história surgem duas irmãs, gémeas, filhas de emigrantes africanos, misteriosas, porque se recusam a falar, e são «gozadas» na escola.

No filme, Laurence Ferreira Barbosa opta por deixar a mãe para segundo plano e centrar-se no adolescente e nas trapalhadas em que se mete com as gémeas, num retrato sobre as dificuldades de crescer e ser adulto.

«Nas minhas longas-metragens de ficção nunca tento ser realista, mostrar as coisas de uma forma puramente realista. O meu trabalho é sempre sobre a vida real, mas não tenho este tipo de preocupações quando estou a escrever os diálogos e o argumento. Sinto-me livre de escrever o que me apetece sem pensar se é ou não realista», explicou Laurence Ferreira Barbosa.

«Ou morro, ou fico melhor», produzido por Paulo Branco, sucede às curtas-metragens «Dix films pour en parler» (2007)

e «Non» (2005) e à longa-metragem «Ordo» (2004).

«Nos meus filmes tento explorar ou fazer novas experiências de realização, tento procurar qualquer coisa de novo, porque quando fazemos um filme queremos sempre coisas que nunca fizemos antes, porque é sempre um desafio», referiu a autora.

A sua primeira longa-metragem, «As pessoas normais não têm nada de especial» (1993), que revelou a actriz Valeria Bruni Tedeschi, é ainda a sua obra mais conhecida e uma das mais premiadas, vencedora de um César e de um prémio especial em Locarno.

«Detesto o amor» (1997) recebeu o prémio da juventude em Cannes.

Laurence Ferreira Barbosa, 50 anos, nasceu em Versalhes e a ligação a Portugal resume-se actualmente ao apelido, herdado de um avô paterno português que morreu muito novo.

Depois de «Ou morro, ou fico melhor», Laurence Ferreira Barbosa prepara-se para fazer um melodrama, para mudar de registo, tendo já concluído o argumento e assegurado produção de Paulo Branco.

*in Diário Digital (17 Julho 2009)*

SOIT JE MEUR, SOIT JE VAIS MIEUX  
Realização Laurence Ferreira Barbosa | Argumento Christine Dory, Laurence Ferreira Barbosa, e Nathalie Najem | Intérpretes Florence Thomassin, François Civil, Marine Barbosa, Carine Barbosa | Fotografia Julien Hirsch | Música Original Reno Isaac | Origem França 2008 | Duração 113' | Formato 2.35:1 | Classificação M/16



Sessão 2764  
12 JANEIRO 2009 (Terça)  
Pa, Centro Cultural Vila Flor · 21h45

## Do Céu Caiu Uma Estrela

(...) Para mim, *It's a Wonderful Life* é paixão antiga desde que o vi no Politeama, tinha eu doze anos. E muitas vezes, ao longo da vida, me tenho lembrado da moral desta fábula (corn ou not corn) e a tenha contado a gente que repete, com James Stewart, que “era melhor não ter nascido”. E nunca consegui deixar de chorar no tear-jerking finale, “admittedly one of the most sentimental endings of all time” (estou a citar Danny Peary).

Mas se esse final, após a “ressurreição” de James Stewart, com *The Bells of Saint Mary* no cinema da terra (second feature), a dedicatória no “Tom Sawyer”, a música de Natal, os milhões de merry christmas, os milhares de dólares a cair no cesto e os milhares de amigos a entrar, é, de facto, o mais tear-jerking e o mais natalício dos finais de um filme (que deve ser o que mais vezes foi programado pelas televisões para a noite de Natal) não penso, como a maioria dos críticos, que este filme seja o mais optimista dos filmes de Capra. Já em tempos comparei a estrutura das suas obras precedentes (sobretudo *Mr. Smith Goes to Washington*) com a dos western clássicos. O cowboy que veio parar a uma cidade de “duros”, apanha muita “porrada” e no final vence o “mau” da fita, no último duelo. Nesses filmes, esse herói, chamasse-se Gary Cooper ou James Stewart, vencia sózinho, ou acompanhado por uma minoria de “bons”, a princípio aterrorizada e depois, à medida que o “herói” crescia, mais desenvolva nos seus auxílios. Aqui, neste filme com que se encerra o Ciclo do great old Capra, James Stewart vence também, mas precisa de uma ajuda de que até aí jamais precisara: a do anjo de 293 anos chamado Clarence Goodbody que, de resto, desceu à terra não apenas para o ajudar, mas para ganhar as asas que em todo esse tempo ainda não tinha conseguido alcançar.

A personagem é prodigiosa, Henry Travers é-o também, mas essa “descida à terra” não nos deve fazer esquecer que todo o filme é visto do ponto de vista do céu. Ao princípio estamos na terra (“You are now in Bedford Falls”) na mesma noite de Natal do fim, com a neve a cair e os sons do Natal. Ouvimos em off orações e a câmara vai até às estrelas, onde Clarence trata Deus por “Sir”. Deus tem uma voz de patrão, firme e dura, manda-o sentar e dá-lhe uma hora para ele se vestir. E quando ele está “sentado” (a câmara sempre nas estrelas, sem personagens) convida-o para um “bom filme”: a vida de George Barnes desde o dia, aos sete anos, em que salvou

o irmão mais velho de morrer afogado, até à noite de Natal que é tempo de todo o filme. Ao princípio, não se vê nada (quem não tem asas, não vê dos outros planetas) até que a imagem foca e “começa o filme”. E quando passamos da infância à idade adulta, de Bobby Anderson a James Stewart, Deus diz a Clarence “Take a good look on him” e o plano imobiliza-se em paratítico com James Stewart de braços todos abertos, no arquétipo da imagem capriana, que também no cinema nunca mais voltou a ter (depois é o James Stewart de Mann, de Hitchcock, de Ford, tão genial como sempre, mas bem diferente como personagem). É como se Capra nos dissesse também que nunca mais ninguém o iria ver assim, como fora em *You Can't Take It With You* ou em *Mr. Smith Goes to Washington*.

A história da vida de George Bailey é a história de coisas tão bonitas, como Gloria Grahame a fazer parar o trânsito, o “graduation ball” de 1928, com James Stewart a dançar o “Charleston” como Fonda dançava a valsa no Young Mr. Lincoln; aquele espantoso mergulho colectivo; Donna Reed “the prettiest girl in town”; o roupão caído, ela atrás dos arbustos e a morte do pai; os “discursos” de Stewart (sempre vagamente demagógicos); o “point me in the right direction”; o telefonema a três e o beijo a dois (a câmara sem se mexer, num dos mais prodigiosos planos que alguma vez alguém assinou); a “wedding night”; e o beijo de Ernie a Bert (essa sequência é inadjectivável); James Stewart, o charuto e o aperto de mão a Barrymore; a guerra em filigrana, e tanto mais. Mas é também, em surdina, o elogio do sacrifício e por breves apontamentos (um olhar de Stewart para o irmão ou para a mãe, o espantoso e patético personagem de Thomas Mitchell) a insinuação que basta um leve toque e podemos ver o negativo de tudo isso. (...) Aparentemente construído em flash-back, este filme desfila como as imagens dele. A vida na terra, mesmo em Bedford Falls, é bem mais maravilhosa e mais comovente do que a vida dos anjos que a deixam (apesar das asas ganhas) com uma secreta nostalgia. No céu, não há Natais. Esse é o lote dos homens e é por isso que “it's a wonderful life”. Por mais simpático que o anjo seja, não temos pena nenhuma de o ver desaparecer. O nosso amor é George Bailey - James Stewart, em paratítico ou na agitação frenética da imensa alegria final.

João Bénard da Costa  
Cinamateca Portuguesa - Museu do Cinema  
(texto adaptado)

IT'S A WONDERFUL LIFE

Realização Frank Capra | Argumento Adaptado Frances Goodrich, Albert Hackett e Frank Capra | Intérpretes James Stewart, Donna Reed, Lionel Barrymore | Música Original Dimitri Tiomkin | Origem EUA 1946 | Duração 130' | Formato 1.37:1 | Classificação M/12



## Taking Woodstock

Anos 60, os Beatles e Bob Marley lideravam as tabelas de vendas, Harvey Milk mudava mentalidades em São Francisco, Che Guevara torna-se um símbolo de revolução, amado por uns, odiado por outros, os hippies multiplicavam e o consumo de erva também, e Woodstock, a mãe de todos os festivais de Verão fazia sentir, mais precisamente em 1968, dando três dias de pura música e paz. O maior e mais célebre dos concertos foi um centro cultural e multinacional de gente e musica, desde o lendário Jimi Hendrix até Joe Cocker, todos eles espalharam o seu encanto neste “monstro”.

É é nesse cenário que o perverso e anti-politicamente aceite Ang Lee transcreve-nos uma historia de busca de identidade percorrida pela personagem Elliot Tiber, autor da matéria-prima literária, um jovem artista homossexual que tenta ajudar financeiramente os seus pais quanto ao futuro do seu motel, a solução encontrada foi organizar um festival de concertos que servissem como atractivos para nossos fregueses, porém a sorte “bate-lhe” à porta, quando consegue negociar com um empresário para entrosar o Woodstock, um ambicioso evento musical que fora negado em varias localidades dos EUA. Com uma reacção negativa da população local que “vê” com maus olhos este acontecimento, designando-o como uma “entrada facilitada de jovens delinquentes e inimigos dos velhos costumes, o jovem Tiber apesar das dificuldades luta para conseguir manter o festival operacional, que se comporta na narrativa como um veiculo de evolução e procura de identidade da personagem interpretada por Demetri Martin, por isso Woodstock deverá ser encarada como uma personagem colectiva e talvez o verdadeiro protagonista de toda fita. Lee liberta de si, o que mais excêntrico e colorido ego, tentando assim contagiar uma fita sem preconceitos, tabus ou de leveza temática. Até certo ponto podemos garantir que Taking Woodstock é a verdadeira homenagem para tal marco histórico da musica, mas fica-se por aí, homenagem, nunca conseguindo evolui para algo mais do que um simples indie de luxo.

Contendo algumas cenas memoráveis como a o momento em que Tiber visualiza Woodstock com todo o seu esplendor, como uma aparição divina se trata-se, sendo comparativo a uma rebelião intrínseca que o nosso protagonista necessita libertar. “Presos” a esse monstro estão uma bela selecção de desempenhos que vão desde um surpreendente Liev Schreiber na pele de um travesti “bem macho”, Emile Hirsch, a provar a sua versatilidade como um soldado traumatizado do Vietname, guerra essa, presente indirectamente em Woodstock e Imelda Staunton a construir aquela que é talvez a personagem mais



Sessão 2765  
17 JANEIRO 2009 (Domingo)  
GA, Centro Cultural Vila Flor · 21h45



Sessão 2765  
17 JANEIRO 2009 (Domingo)  
GA, Centro Cultural Vila Flor · 21h45

## Arena

divertida e cativante de toda a fita. Taking Woodstock é uma fita sobre o mais rebelde e libertador que há em cada um de nós, uma homenagem (como já havia mencionado) de tão grandioso espectáculo.

*Hugo Gomes*  
in [cinematograficamentefalando.blogspot.com](http://cinematograficamentefalando.blogspot.com)

Não, não chorou quando recebeu o telefonema a informar que Arena, a sua curta-metragem, estava em competição em Cannes. Nas entrevistas promocionais que o festival faz aos seleccionados, essa pergunta: "Chorou ao saber que o seu filme estava em competição?" serve mais para satisfazer a vaidade de quem promove o festival do que para satisfazer genuína curiosidade.

João Salaviza, 25 anos, único português a concurso na 62ª edição do festival, tem, aliás, os pés na terra. (Tanto quanto é possível na Croisette.) Chegou, sentiu-se "atirado de pára-quedas para aqui" - "por causa desse lado do glamour" - mas tratou de reagir. Vendo filmes (levará *Inglourious Basterds*, de Tarantino, na memória). Não está a afectar nenhuma distância em relação ao maior festival de cinema do mundo. "Sente-se que há uma programação arriscada. Não mostram só o previsível. Não estão à procura da típica curta com a punchline final. Estão à procura de coisas novas. Senti que o meu filme foi escolhido por isso."

Ele chegou e viu. Só hoje se saberá se vencerá, embora diga, "sem falsas modéstias", que Arena não é filme para ganhar aqui - da mesma forma que sentiu que tinha hipóteses no IndieLisboa e ganhou. A sua produtora, Maria João Mayer, define-o assim: "Ele quer falar ao mundo."

Arena é uma curta vigorosa, tenderá a ser vista como prova disso - híbrido entre o documento da realidade e o espectáculo da sensualidade dos corpos e do espaço, é centrado num jovem em prisão domiciliária e é determinado a colocar o espectador na posição de voyeur na bancada para o gueto. "Nunca diria de mim isso de querer 'falar ao mundo', mas sim, reconheço-me, tendo em conta que os filmes, para mim, são uma reacção a qualquer coisa. Não têm que ser uma tese. O mundo já é tão difícil de perceber, como é que se pode ter a pretensão de dizer que o mundo é de uma certa maneira? O filme deve ser uma reacção a quente. Ao facto de haver vidas tão diferentes. O cinema está tão uniformizado que não está a conseguir acompanhar a especificidade das pessoas, dos lugares. Espero que tenha feito isso. Não pelo exotismo de filmar um bairro social. Mas por ter contribuído com uma coisa singular. Que não seja um filme igual aos outros."

Já está no processo de despedida do seu filme. Quer partir para outra. Viu-o tantas vezes que já não sabe se é clássico ou demasiado clássico. Sabe é que tal como aconteceu com Arena - embora o filme dê a impressão de previsão de resultados certa - não consegue imaginar o(s) próximo(s).

Por exemplo, chegou a pensar que Arena seria uma coisa a la irmãos Dardenne... e não resultou assim, de todo.

### Entusiasmo argentino

Está ainda a acabar uma cadeira, no Conservatório, de Psicologia e Cinema. O curso estava incompleto, questões de equivalências, por causa de um protocolo que o fez, em 2006, continuar os estudos na escola de cinema de Buenos Aires, na Argentina. Tinha ficado fascinado com uma retrospectiva sobre cinema argentino na primeira edição do IndieLisboa. E foi uma "decisão de vida": testemunhar, in loco, o "entusiasmo" dos argentinos pelo cinema de Pablo Trapero, Lucrecia Martel ou Lisandro Alonso.

"É uma coisa que em Portugal não há. Fazemos 10 filmes por ano. Não deve haver outro país no mundo com, em termos relativos, uma percentagem de filmes tão bons. E no entanto há um desinteresse total das pessoas pelo cinema que é diferente. A minha geração tem a possibilidade de descobrir tudo. Eu, se quiser ver o filme de um qualquer cineasta malaio, posso fazer download. E no entanto, paradoxalmente, a minha geração continua a ver as mesmas coisas, a ouvir as mesmas coisas. Os filmes portugueses estão condenados a serem descobertas dos festivais internacionais. Provavelmente é o que me vai acontecer também."

*Entrevista de Vasco Câmara a João Salaviza*  
in [Publico.pt](http://Publico.pt)

### ARENA

Realização e Argumento João Salaviza | Intérpretes Carloto Cotta, Rodrigo Madeira, Rafael Sardo, Cláudio Rosa | Fotografia Vasco Viana | Origem Portugal 2009 | Duração 15' | Formato 1.85:1 | Classificação M/12

### TAKING WOODSTOCK

Realização Ang Lee | Argumento Adaptado James Schamus | Intérpretes Henry Goodman, Edward Hibbert, Imelda Staunton, Demetri Martin, Emile Hirsch | Fotografia Eric Gautier | Música Original Danny Elfman | Origem EUA 2009 | Formato 1.85:1 | Duração 110' | Classificação M/16



# Rebecca

Sessão 2766  
19 JANEIRO 2009 (Terça)  
Pa, Centro Cultural Vila Flor · 21h45

Alfred Hitchcock chegou a Hollywood na Primavera de 1939. Chegou, viu e venceu. O seu primeiro filme americano - Rebecca - foi um enorme sucesso, obteve o oscar de melhor filme do ano e, ainda hoje, sessenta e oito anos após a estreia, permanece como uma das obras mais populares e repostas do grande realizador inglês.

Rebecca baseia-se num best-seller da então popularíssima escritora inglesa Daphne Du Maurier que Hitch já adaptara ao cinema no seu último filme inglês (Jamaica Inn, de 1939), e em quem se basearia, muitos anos mais tarde, para The Birds. Os direitos de Rebecca foram adquiridos por Selznick, o famoso produtor que levou Hitchcock para a América, mas curiosamente, este já pensara adaptar a obra quando ainda estava em Inglaterra.

Em relação ao livro há uma modificação sintomática a assinalar. No romance de Du Maurier, Max de Winter tinha efectivamente assassinado a primeira mulher. Os códigos vigentes, à época, no cinema americano, não permitiam, contudo, que o herói fosse um assassino e, ainda por cima, um assassino impune. Daí a transformação do crime em acidente, aliás pouco crível, como Max reconhece na sua confissão à segunda Mrs. de Winter ("Quem me acreditará?"). Só que a concessão, neste caso, parece ter vindo enriquecer a obra, pois lhe introduziu outra ambiguidade e o tema permanente de Hitchcock: é mais culpado o autor do acto ou quem, interiormente, o desejou? Mais uma vez, esta é, entre outras coisas, uma história de um falso culpado ou de um falso inocente. (...)

Entre Rebecca e Joan Fontaine, entre a primeira e a segunda Lady de Winter, outras ambiguidades se introduzem que o fabuloso personagem de Mrs. Danvers tanto ajuda a pontuar. Todas as informações dadas ao espectador, ao longo do filme, apontam para uma total dissemelhança entre as duas mulheres de Max de Winter, quer no aspecto físico (Rebecca morena, Joan Fontaine loura), quer no aspecto moral e psicológico (a pérfida e seguríssima Rebecca, a doce e inseguríssima Joan Fontaine). Só que, contra essas informações, temos, na famosa sequência do baile, a transformação de Joan Fontaine em Rebecca. Quando Max se volta e a vê e quando a cunhada murmura "Rebecca", sentimos que não é apenas a identidade do traje que produz o choque, mas que existiria porventura uma secreta semelhança (só nesse momento plenamente revelada) entre Rebecca e Joan Fontaine. No fundo, talvez não seja forçado pensar-se que aquelas duas mulheres são uma só (como a Judy e a Madeleine de Vertigo, também uma morena e outra loura) e que Joan Fontaine é uma "reencarnação" de Rebecca.

Em apoio desta hipótese há vários sinais: Joan Fontaine aparece a Max de Winter quando este (como mais tarde contará) revive o seu "vergonhoso contrato" com a primeira mulher, no mesmo sítio onde Max e Rebecca também tinham passado a lua de mel. No momento em que Max, suspenso do abismo, sobre o mar (a importância do mar nesta obra é capital) se "perde" nessa terrível memória, surge-lhe Joan Fontaine e, imediatamente, o protagonista se sente atraído para ela (pode aproximar-se essa memória do esquecimento do contrato nupcial no notário, após o casamento de Olivier e Fontaine). Por outro lado, o ódio de Mrs. Danvers por Joan Fontaine não deixa de ser ambíguo. É daquela a ideia de a vestir como Rebecca e as duas surgem-nos com os rostos fundidos no assombroso grande plano "catártico" em que Judith Anderson incita Joan Fontaine ao suicídio. Se Hitchcock insinua uma relação lésbica entre a governanta e Rebecca (pelo menos, Mrs. Danvers apaixonou-se por Rebecca e vive e morre dessa e para essa paixão) é também sexualmente ambíguo o seu amor/ódio pela segunda Mrs. de Winter, com traços fetichistas muito acentuados (Judith Anderson mostrando e acariciando as roupas interiores de Rebecca diante da sua nova Senhora; Judith Anderson querendo vê-la vestida como Rebecca).

Só que, a partir da noite em que Joan Fontaine vestiu a pele de Rebecca, a personagem transformou-se: o seu apagamento cessou e, após a confissão do marido (e é a primeira vez que, na obra de Hitchcock, a confissão tem um tão importante papel) ela passa a dirigir as operações e a comandar o comportamento de Max (é o desmaio dela que o salva durante o inquérito). (...)

O segredo da perdurabilidade deste filme fascinante está na sua estrutura dupla e dúplice, tanto quanto na sua estrutura mítica e onírica. Entre o ar (as brumas, o nevoeiro) o fogo e o leit-motiv do mar (o "listen to the sea") na simbologia dos elementos primordiais, o que fica é um apelo subterrâneo, convocando todos os nossos fantasmas e todos os nossos corpos, todos os nossos medos e todos os nossos desejos.

João Bénard da Costa  
Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema  
(texto adaptado)

## REBECCA

Realização Alfred Hitchcock | Intérpretes Laurence Olivier, Joan Fontaine, George Sanders, Judith Anderson | Fotografia George Barnes | Música Original Franz Waxman | Origem EUA 1940 | Duração 130' | Formato 1.37:1 | Classificação M/12



# Séraphine

Tendo tido um sucesso colossal na atribuição dos prémios César na sua 34ª edição, este filme de Martin Provost poderia cair na categoria dos produtos cujas recompensas são resultantes de interesses comerciais e não de um apoio da crítica especializada.

Contudo, sendo manifesto que existe um aspecto ilustrativo, bem compensado pelo domínio técnico, Provost consegue ultrapassar esta mera atitude, quando aborda com sucesso a génese da energia criativa autodidacta de Séraphine, uma mistura de uma inocente contemplação da Natureza, uma mais do que latente frustração sexual e uma visão peculiar em relação à religião, fundamentos de um desequilíbrio concreto que desembocará na loucura. (Jean Renoir diz na sua autobiografia que o seu pai Pierre Auguste Renoir, pensava ser o único equilibrado entre todos os seus amigos, os grandes pintores impressionistas).

Colecionando sete prémios na edição dos César, entre eles o de melhor filme e do melhor argumento, o prémio da melhor actriz - igualmente reconhecido por outros prémios internacionais - é ainda de destacar, com uma Yolande Moreau notável pela sua brutal carga de inocência e ambiguidade, uma personagem bastante complexa e rica em subentendidos.

Uma obra a ver e que deve recuperar o interesse no universo da agora conhecida por Séraphine de Senlis, raramente citada nos livros sobre a especialidade.

Hernan Christire in Cinedoc

\*\*\*

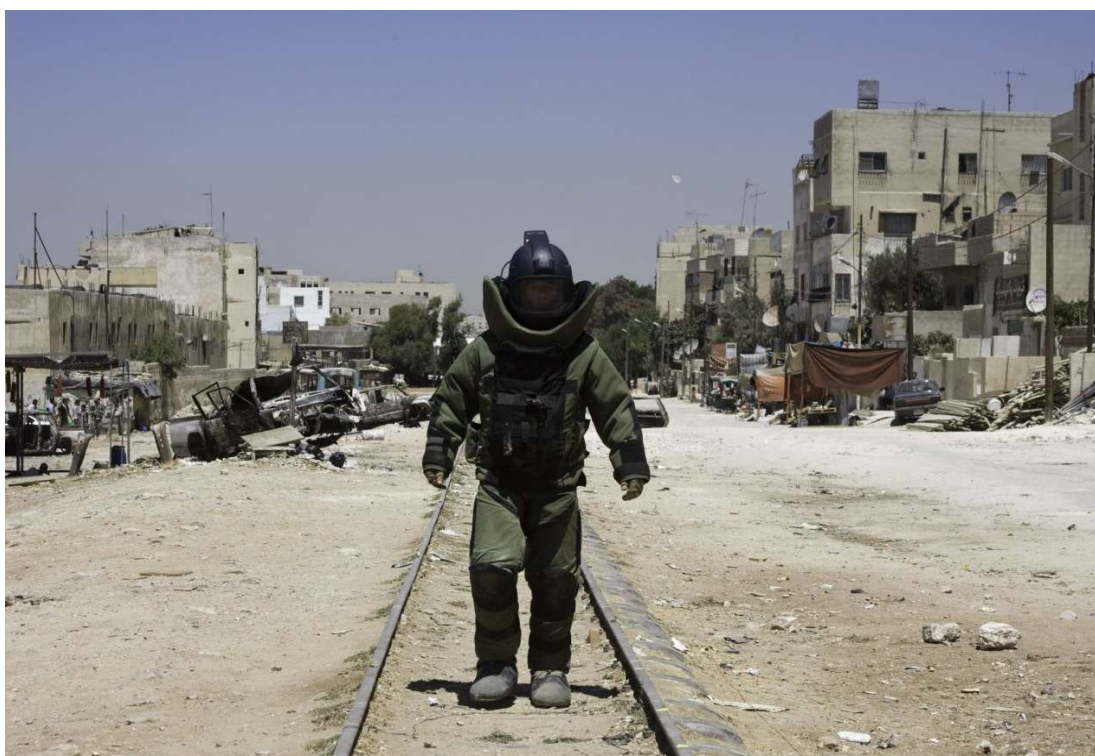
A vida da pintora Séraphine Louis entre as vésperas da I Guerra, em que é descoberta, e a altura da sua morte, durante a II Guerra. O filme dos Césares.

"Seraphine", que ganhou este ano vários Césares (incluindo o de melhor filme), baseia-se na vida da pintora Séraphine Louis, dita Séraphine de Senlis, entre o momento, nas vésperas da I Guerra, em que é descoberta pelo crítico alemão Wilhelm Uhde, seu futuro patrono, e a altura da sua morte, num asilo, durante a II Guerra. De certa maneira, Provost filma esta história (que toma algumas liberdades com a biografia de Séraphine, ao que podemos saber) como uma variação sobre a mitologia do "bom selvagem".

Séraphine, que já tinha 50 anos quando Uhde a encontrou, se



Sessão 2767  
21 JANEIRO 2009 (Quinta)  
GA, Centro Cultural Vila Flor · 21h45



Sessão 2768  
31 JANEIRO 2009 (Domingo)  
GA, Centro Cultural Vila Flor · 21h45

## Estado de Guerra

não é uma "enfant sauvage" é uma "vieille dame sauvage", ensimesmada, de modos peculiares, profundamente devota, que pinta paisagens e visões de maneira compulsiva. "Naive?", perguntam a certa altura a Wilhelm Uhde; "gosto mais de dizer 'primitiva', uma 'primitiva moderna'", responde ele, e essa é a perspectiva do realizador Martin Provost. Em termos melodramáticos, o que se filma é o choque entre o "primitivismo" inerente a Séraphine e a "modernidade" em que Uhde a lança. Se a psicologia de Séraphine é, digamos, instável desde o primeiro momento, o sucesso das exposições de Uhde e das decorrentes vendas de quadros vêm criar um curto-circuito à pobre mulher. E quando Provost a deixa, nos planos finais, em pacificadas imagens de um bucolismo curiosamente "impressionista", em remissão para o ambiente em que víramos Séraphine várias vezes na primeira parte do filme fecha-se o círculo: o "primitivismo" e a "naiveté" de Séraphine só vivem em paz com o seu "ecossistema", no sentido mais literal e naturalista do termo, numa continuidade propriamente religiosa (como a devoção dela reforça). Interrompida essa continuidade, o equilíbrio perde-se - e o "selvagem" perde-se, enlouquece, às mãos do século XX, representado menos pelas grandes guerras que cronologicamente balizam o filme do que pelo "circuito artístico". "Seraphine" não está isento de clichés do "filme sobre artistas", apenas ambigualmente contornados pela semi-loucura da personagem. A interpretação de Yolande Moreau segura as pontas, equilibrando uma personagem que facilmente entraria em roda livre e se mantém sempre credível. Provost revela-se um ilustrador sólido (alguns belos planos de natureza e de Séraphine na natureza), um pouco mais académico quando se trata de filmar a narrativa e os diálogos. É um filme digno e interessante mas, e já que começámos por falar dos Césares, bem menos imponente (enquanto "objecto fílmico") do que os filmes que os ganharam nos últimos anos, a "Lady Chatterley" de Pascale Ferran ou "Segredo de um Cuscuz" de Abdellatif Kechiche.

*Luis Miguel Cintra  
in Público, 18 Set'09*

SÉRAPHINE  
Realização Martin Provost | Argumento Marc Abdelnour e Martin Provost | Intérpretes Yolande Moreau, Ulrich Tukur, Anne Bennet | Fotografia Laurent Brunet | Música Original Michael Galasso | Origem FRA/ALE/BEL 2008 | Formato 1.85:1 | Duração 125' | Classificação M/12

O melhor filme de guerra em muitos anos e um filme de acção que envergonha 95 por cento dos "blockbusters" americanos recentes.

Dá vontade de ir directo à hipótese: "Estado de Guerra" é o melhor filme de guerra em muitos anos. É uma trip impressionista pelo "lado escuro", uma injeção de adrenalina directa para a veia, uma "walk on the wild side" para citar a canção de Lou Reed. Porque - ao contrário da recente vaga de filmes americanos sobre o Iraque e as suas sequelas, ou de muito do cinema que se fez sobre o Vietname, por muito bons que alguns deles sejam - não é um filme que questione razões, motivos, psicologias. "Estado de Guerra" não pede desculpa por olhar para as coisas de frente e pegar o touro pelos cornos: sim, a guerra é um inferno (não são poucas as cenas onde o choque surdo da morte mesmo aqui ao lado bate com violência), mas para quem está lá no meio é também um vício, uma necessidade, uma maneira de estar vivo.

Tudo se passa numa unidade de minas e armadilhas, acompanhando os desafios quotidianos de um sapador-mineiro viciado nos riscos de desactivar os (progressivamente mais complexos) engenhos explosivos improvisados que os insurgentes constantemente plantam nas ruas de Bagdad, numa "escalada" em que cada bomba neutralizada abre caminho a um desafio mais elaborado e exigente. (Há, é verdade, algo de video-jogo aqui pelo meio, mas é uma leitura necessariamente a posteriori - e nunca um filme inspirado num jogo conseguiu o crescendo de tensão que Bigelow constrói aqui com virtuosismo.) Mas outra faena que "Estado de Guerra" faz ao touro é explicar que Iraque, Afeganistão, Vietname, Coreia, Balcãs, etc., são nomes diferentes para um mesmo território. O "onde" perde a sua relevância. A única ideologia é o pragmatismo. As guerras são todas iguais, há inocentes e culpados, entre mortos e vivos alguém se há-de safar.

Sim, este é um mundo de homens (as únicas mulheres aqui estão longe, em casa, mas esta camaradagem masculina é tão poderosa como frágil, ameaçada a cada momento), mas, paradoxo irónico, foi preciso uma mulher para fazer o melhor filme de guerra em muitos anos. É verdade que não é uma mulher qualquer - Kathryn Bigelow, ex-mulher de James Cameron, uma das poucas cineastas femininas que se impôs no mundo codificado do filme de género. Mas nada na sua obra anterior - que vai de "Ruptura Explosiva" a "Estranhos Prazeres", nem sempre conseguida, mas sempre estimulante - daria a entender que seria capaz de conseguir o que muitos

outros têm procurado fazer sem lá chegar: um "statement" praticamente definitivo sobre viver a guerra, com todas as amplitudes térmicas emocionais que isso implica.

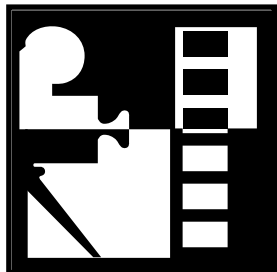
Não é, atenção, proeza exclusiva de Bigelow: tire-se o chapéu ao jornalista Mark Boal, que baseou o argumento nas suas próprias experiências acompanhando as tropas no Iraque, e à sua capacidade de desenhar personagens com dois ou três traços; à justeza de um elenco notável encabeçado por um Jeremy Renner na medida certa de obsessão; à "vérité" poeirenta da imagem de Barry Ackroyd (cúmplice habitual de Ken Loach). Mas foi Bigelow quem conseguiu a improvável alquimia de pegar numa história que tinha tudo para se tornar em mais um "statement" neo-liberal sobre a futilidade da guerra e transformá-la, primeiro, num filme de acção que envergonha 95 por cento dos "blockbusters" americanos produzidos nos últimos dez anos e, segundo, num dos olhares mais lúcidos e inteligentes sobre os homens que fazem a guerra sem precisar de recorrer a explicações freudianas.

Houve quem olhasse para "Estado de Guerra" como um filme paredes-meias com o exercício de recrutamento, mas Bigelow limita-se a admitir que há qualquer coisa de primitivo no nosso fascínio pela guerra, que a experiência é tão radical e limite que nada, mas nada, consegue equiparar-se-lhe - e que mais vale aceitar que isso é algo que não conseguimos explicar verbalmente, e que transcende políticas e atitudes para ser, apenas, algo de intensamente pessoal e intransmissível. "Estado de Guerra" não explica: observa e constata.

E - milagre! - quem o quiser ver, apenas, como um "thriller" de acção pode fazê-lo que continua a ter direito a um filme notável.

*Jorge Mourinha  
in Público (16 Setembro 2009)*

THE HURT LOCKER  
Realização Kathryn Bigelow | Argumento Mark Boal | Intérpretes Jeremy Renner, Anthony Mackie, Brian Geraghty, Guy Pearce | Fotografia Barry Ackroyd | Música Original Marco Beltrami e Buck Sanders | Origem EUA 2008 | Duração 121' | Formato 1.85:1 | Classificação M/16



# cineclubeguimarões

janeiro 2010

**CENTRO CULTURAL VILA FLOR**  
GUIMARÃES

|   |  |   |   |
|---|--|---|---|
| <p>GA</p>  <p><b>DOM 3</b><br/>Distrito 9<br/>de Neill Blomkamp<br/>com Sharlto Copley<br/>e Jason Cope<br/>2009 - 112 min - M/16</p> | <p>GA</p>  <p><b>QUI 7</b><br/>Ou Morro ou Fico Melhor<br/>de Laurence F. Barbosa<br/>com Florence Thomassin<br/>e François Civil<br/>2008 - 113 min - M/12</p> | <p>Pa</p>  <p><b>TER 12</b><br/>Do Céu Caiu uma Estrela<br/>de Frank Capra<br/>com James Stewart<br/>e Donna Reed<br/>1946 - 128 min. - M/12</p> | <p>GA</p>  <p><b>DOM 17</b><br/>Taking Woodstock<br/>+ Arena<br/>de Ang Lee e João Salaviza<br/>110 min + 15 min<br/>2009 - M/12</p> |
|---|--|---|---|

|  |   |  |
|--|---|--|
| <p>Pa</p>  <p><b>TER 19</b><br/>Rebeca<br/>de Alfred Hitchcock<br/>com Laurence Olivier<br/>e Joan Fontaine<br/>1940 - 130 min. - M/12</p> | <p>GA</p>  <p><b>QUI 21</b><br/>Séraphine<br/>de Martin Provost<br/>com Yolande Moreau<br/>e Ulrich Tukur<br/>2008 - 125 min. - M/12</p> | <p>GA</p>  <p><b>DOM 31</b><br/>Estado de Guerra<br/>de Kathryn Bigelow<br/>com Jeremy Renner<br/>e Anthony Mackie<br/>2008 - 131 min. - M/16</p> |
|--|---|--|

GA Grande Auditório

Pa Pequeno Auditório

## BREVEMENTE

35 Shots de Rum de Claire Denis  
A Nova Vida do Senhor O'Horten de Bent Hamer  
Andando de Hirokazu Kore-eda  
Um Profeta de Jacques Audiard

## FAÇA-SE SÓCIO

3,50 EUROS de inscrição  
3,50 EUROS de cota mensal  
BOLETIM MENSAL recebido por correio  
SESSÕES gratuitas

**CURSO BÁSICO DE FOTOGRAFIA A PRETO E BRANCO**



Estão abertas as inscrições para mais um Curso Básico de Fotografia a Preto e Branco, a realizar entre 19 de Janeiro e 17 de Fevereiro de 2010.

Para mais informações consulta <http://fotografiaccg.blogspot.com/>

APOIO



pastelaria  
**gil vicente**  
Rua St. António, 177  
4800-162 Guimarões  
253 414 844

